

H. Le Bras (ed.), *Population*, Paris, Hachette, 1985, 625 pp.

Na França desocupada do post-guerra, com um campesinato aparentemente imóvel, uma taxa de natalidade em declínio e uma indústria estagnada, o problema do crescimento e reprodução da população não podia deixar de suscitar as maiores apreensões. Logo no seu governo provisório, o general de Gaulle mostrara uma vontade política firme pelo desenvolvimento de uma ciência dos factos demográficos. Sob os seus auspícios, cria-se em 1945 o INED (Institut National d'Études Démographiques), saindo um ano mais tarde o primeiro número da revista *Population*. O volume agora publicado é uma compilação de alguns artigos-chave que nela foram sendo publicados ao longo de quatro décadas. Nele participam, entre outros, P. Ariès, H. Charbonnier, J. C. Chesnais, Bourgeois-Pichat, J. Fourastié, A. Girard, L. Henry, H. Le Bras, A. Perrenoud, R. Pressat, L. Roussel e A. Sauvy.

Segundo o seu organizador, H. Le Bras, actual redactor-chefe da *Population*, o modelo único e incontestado da «dinâmica das populações» constituiu o núcleo a partir do qual se aprofundou decisivamente a análise demográfica. O horizonte restrito da «população» propriamente dita foi largamente ultrapassado, tendo a demografia contribuído para o debate de algumas questões teóricas fundamentais, comuns às outras ciências sociais. Senão, vejamos. A análise demográfica explora inevitavelmente regiões de problemas onde o social e o biológico, a cultura e a natureza imbricam e condicionam, onde sincronia e diacronia, forças do passado e forças do presente se cruzam e interligam. Com a demografia, a existência quotidiana dos povos tradicionais, os seus comportamentos anónimos perante a morte, o nascimento e o casamento assumem o estatuto de facto histórico.

Numa parte I, «Un nouveau passé», reúnem-se alguns dos textos mais curiosos e inovadores da demografia histórica, ponto de apoio decisivo da história das mentalidades. J. Meuvet (1946) relaciona a incidência das crises de subsistência (a subida do preço do trigo) com o dramático aumento da mortalidade e a baixa rápida da natalidade. L. Henry (1953) revela a riqueza inédita dos registos paroquiais, fonte que virá a desempenhar um papel crucial na reconstituição das famílias de Antigo Regime. Um texto curiosíssimo de A. Perrenoud (1975) destaca a desigualdade social perante a morte na Genebra do século XVII.

A família, por seu turno, foi-se tornando um objecto essencial da investigação. Multiplicaram-se, neste campo, os problemas e as hipóteses — no que respeita quer à evolução dos costumes e da mora, quer à dinâmica das gerações. A parte III da colectânea, «Famille et politique de la population», procura precisamente ilustrar alguns destes temas. J. Fourastié (1959) estuda o calendário demográfico do homem médio contemporâneo e o seu acesso à vida intelectual. H. Le Bras (1973) foca a novíssima rede de relações entre pais, avós e bisavós de que a criança pode desfrutar na

sociedade post-industrial. L. Roussel (1980), num texto-síntese fundamental, mostra a cumplicidade entre estratégias matrimoniais e modelos de divórcio, propondo uma sistemática tipologia. A origem e a difusão da contracepção na sociedade francesa estão na origem de artigos de Ph. Ariès (1953) e de Ph. Collomb (1979).

De carácter mais estritamente demográfico e técnico são os artigos contidos nas partes II e IV, consagrados, por um lado, à «Biologia e dinâmica das populações» e apresentando, por outro, um retrato demográfico do «Mundo contemporâneo» — designadamente da Europa industrializada e dos dois grandes gigantes asiáticos: China e Índia.

«Il n'est de richesse que d'hommes», escrevia há quatro séculos J. Bodin. O número, a qualidade e a reprodução dos cidadãos vão-se tornar objecto da vigilância atenta dos Estados-nações. A vontade política de os contar traduz-se, apoia-se ou defronta-se com uma «vontade de saber», na qual a demografia (como aliás as outras ciências sociais) tem uma palavra a dizer. *Population* introduz-nos assim habilmente nos grandes desafios do nosso tempo, em que são a própria reprodução e transformação biológica e cultural da sociedade que estão em jogo.

*Ana Nunes de Almeida*